

Universidade Federal Fluminense

Minicurso Trajetórias Docentes

Docente: Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto

Discente: Hannah Beatriz Alves Aguiar

Memorial Formativo

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos.”

(Paulo Beleki)

“O tempo não é uma medida. Um ano não conta, dez anos não representam nada. Ser artista não significa contar, é crescer como a árvore que não apressa a sua seiva e resiste, serena, aos grandes ventos da primavera, sem temer que o verão possa não vir. O verão há de vir. Mas só vem para aqueles que sabem esperar, tão sossegados como se tivessem na frente a eternidade.”

(Rainer Maria Rilke, *Cartas a um Jovem Poeta*)

Eu me lembro da primeira vez que eu pensei em ser professora: eu era criança, devia ter uns nove ou dez anos de idade, e tudo começou com um rabisco numa janela. Naquela época, eu tinha acabado de chegar ao 4º ano do ensino fundamental e, pela primeira vez, eu entrei em contato com a História como uma disciplina única, já que, até então, tudo o que eu conhecia era uma matéria chamada “estudos sociais”, que fazia uma tentativa de mesclar conhecimentos geográficos e históricos num só conteúdo. Eu me lembro que o primeiro tema a ser aprendido na nova disciplina estava relacionado à chegada dos europeus na América. Lembrando agora, eu gostava de chegar da escola e contar tudo o que eu tinha aprendido para os meus pais. Por vezes, eles estavam muito cansados ou atarefados para conversar comigo, mas em vários momentos, eles não só davam atenção a tudo o que eu tinha para dizer, como também complementavam com informações e ideias que serviam para me deixar ainda mais interessada naquela disciplina.

Quando eu era criança, o meu pai já estava inserido no meio profissional da docência, atuando como professor de Geografia em turmas do ensino básico. Nem sempre eu era permitida a entrar no quarto onde o meu pai trabalhava, já que, segundo ele, eu poderia

bagunçar os seus preciosos diários de classe. Porém, em momentos quando a porta estava aberta e ele não estava, eu gostava de entrar nesse cômodo e ver o que tinha lá. Eu folheava os livros de turmas que eu não estava nem um pouco perto de alcançar e me apavorava em ter que aprender tudo aquilo um dia, e, ainda, roubava giz de quadro para desenhar amarelinhas no pátio da escola. A época em que eu comecei a estudar História no colégio foi a mesma em que uma das escolas em que ele trabalhava começou a adotar o uso de quadros brancos e, por consequência, canetas. O meu processo de aprendizagem, até hoje, sempre envolveu, na fixação do conteúdo, a anotação. Para eu conseguir guardar algo que eu tenha escutado ou lido, eu preciso escrever. Então, com a entrada daquela nova disciplina na minha vida, veio também a vontade de começar a “brincar de professora” ao mesmo tempo que eu estudava. Como na minha casa não tinha nenhum tipo de quadro, eu gostava de anotar as coisas que eu lia na janela da minha casa, que servia de lousa improvisada, ao mesmo tempo que eu explicava aquele conteúdo para as minhas bonecas. No final do dia, a minha mãe me fazia deixar aquela janela brilhando por causa dos meus rabiscos, mas eu gostava de estudar daquele jeito e, olhando em retrospecto, naqueles momentos, pela primeira vez, eu pensava no quão legal devia ser trabalhar como professora.

Além disso, outra ocasião que marcou os últimos anos da minha infância foi mais uma “brincadeira de professora”, só que dessa vez com as minhas primas tendo a minha avó como aluna. Eu demorei muito tempo para absorver o impacto dessa situação na minha vida, bem como a importância disso. Primeiramente, é importante dizer que a minha família materna é muito pobre. Os meus bisavós eram trabalhadores rurais no norte do estado do Rio de Janeiro e, tanto o meu avô, como a minha avó, foram criados nesse meio, trabalhando (ou melhor, sendo explorados) desde crianças em plantações. Por consequência, apesar de ambos não serem analfabetos, eles não tiveram muito tempo em sala de aula. A minha avó, Nely, quando a família dela foi embora de Campos dos Goytacazes e migrou para Macaé, teve que começar a trabalhar em diversos empregos para conseguir sustentar a família, que iam desde ocupações em fábricas de doces até o trabalho de empregada doméstica. Infelizmente, a sua realidade não permitia tempo para estudar. E assim foi durante toda a sua vida. Mais tarde, quando eu tinha acabado de descobrir a disciplina da História e, com isso, o gosto por aprender e ensinar (mesmo que fosse para as minhas bonecas), eu e as minhas primas adicionamos mais uma brincadeira nas nossas tardes de sábado: o “brincar de ser professora”. A minha prima Amanda, que hoje está terminando o curso de Engenharia, na UFRJ, gostava de ensinar matemática, já a Yasmin, tinha apreço por Gramática. Nós três, que somos próximas em idade, gostávamos de ensinar uma à outra o que aprendemos na escola, bem

como tirar dúvidas uma da outra. Com o tempo, passamos a inserir a nossa avó nas nossas “aulas”, mas o que a gente via como uma brincadeira, ela via como algo sério. Relembrando agora, ela prestava atenção nas nossas explicações e nós queríamos que ela aprendesse junto com a gente. Com o auxílio dos nossos livros didáticos, eu me lembro que nós elaboramos exercícios e, até mesmo, provas, que ela fazia tudo de modo bastante empenhado. Aos dez anos de idade, eu gostava de poder compartilhar os meus conhecimentos históricos com alguém e eu ficava feliz dela realmente querer ouvir o que eu aprendia na escola. Anos mais tarde, quando essa brincadeira já tinha sido abandonada há tempos, além de eu e as minhas primas já termos passado da infância, eu me lembro de conversar com a minha avó sobre esses tempos, que, para mim não passavam de brincadeiras, mas para ela era algo importantíssimo. É reconfortante saber o quanto a prática educativa pode impactar na vida de alguém e, em época de vestibular, ouvir a minha avó contando isso foi fundamental na minha escolha em optar pela Licenciatura em História.

No entanto, entre as minhas brincadeiras ingênuas de professora e a minha decisão em seguir o caminho da docência, houveram alguns momentos pertinentes na minha vida que me afastaram da ideia de trabalhar no magistério. Em primeiro lugar, eu cresci e com isso eu deixei de ver as coisas através de um prisma infantil, romântico e simplificado, para ver tudo de uma forma mais profunda. Eu comecei a perceber que, por mais legal que fosse brincar de professora com as minhas bonecas, o trabalho de professor era demasiadamente complicado e cansativo. O meu pai vivia exausto, basicamente porque ele tinha que trabalhar em várias escolas para conseguir fechar as contas no final do mês. E, como se não bastasse trabalhar na escola, ele também tinha que trabalhar em casa, corrigindo pilhas intermináveis de provas e outros trabalhos, além de passar horas lançando notas nos diários de classe no final de cada bimestre. Talvez, o que mais me afastou da ideia de ser professora nessa época, foi o pequeno retorno financeiro que o trabalho do meu pai trazia para a nossa família. Com isso, eu percebi que ele trabalhava muito e a gente continuava com poucas condições financeiras. Em segundo lugar, outro fator que me distanciou do pensamento de seguir o caminho da docência foi a percepção negativa que eu fui obtendo da escola e dos meus professores. Por certo, ao longo do meu ensino fundamental II, eu fui aluna de professores que, com certeza, não queriam estar dentro de uma sala de aula: eram docentes que eram ríspidos com os seus alunos, não explicavam o conteúdo de modo que fosse ser facilmente entendido pela turma, não tinham paciência em tirar as nossas dúvidas e nem tinham boas práticas pedagógicas, etc. A consequência direta disso tudo foi que eu comecei a ter dificuldades nos estudos naquela época. Não só porque eu não era boa em certas disciplinas, mas também porque eu fui

perdendo o gosto pela educação. Comecei a ver a escola (já que a coordenação justificava as ações dos docentes colocando a culpa nos alunos) e os meus professores de maneira negativa, e, assim, eu ficava cada vez mais desanimada em ir para o colégio diariamente. Até mesmo em História, a minha matéria preferida, eu encontrei dificuldades e desânimo para estudar e aprender o que essa disciplina tinha a me oferecer. Olhando em retrospecto, hoje eu posso dizer que eu não gostava de estudar naquela época, justamente porque as minhas dificuldades só cresciam e eu não conseguia encontrar um ambiente propício para superá-las. Estudar e aprender, para mim, se tornaram uma obrigação, algo que eu tinha que fazer para continuar tirando notas boas, mesmo que eu não aprendesse nada.

Após um ensino fundamental torturante em vários sentidos, dois acontecimentos fundamentais me reaproximaram da prática da aprendizagem e da vontade de ser professora: a minha entrada no ensino médio em outra escola e a crise política que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos. Em primeiro lugar, como eu já comentei aqui, eu não sou de uma família rica. Nós nunca passamos por necessidades, mas também não vivíamos num mar de fartura. Então, a minha trajetória educacional abarcou momentos tanto em escola pública, quanto em escola privada, sendo essa última colégios pequenos e com uma mensalidade acessível. Em 2016, no meu último ano do ensino fundamental II, vários colégios particulares de Macaé, a cidade onde eu nasci e fui criada, alguns até bem conceituados, começaram a abrir vagas para bolsas de estudo, através de processos seletivos. Como eu tinha passado o meu 9^a ano estudando para as provas do IFF e do CAP, eu consegui ganhar uma bolsa de estudos de 50% num dos melhores colégios da cidade. Nessa nova escola, apesar da rotina de estudos ter sido bastante puxada, pela primeira vez em muitos anos, eu consegui encontrar professores dedicados em ensinar. Apesar de eu nunca ter aprendido matérias como Matemática e Biologia da forma como eu gostaria, principalmente, por causa da minha dificuldade nessas áreas, foi lá que eu achei um ambiente propício para que eu pudesse aprender tudo o que eu não tinha aprendido sem ficar com receio ou vergonha de tirar as minhas dúvidas com os professores. Nesse espaço, eu me apaixonei pela área das Ciências Humanas. Eu gostava de ouvir tudo o que os professores tinham a dizer e, como eu já estava mais madura para discutir certas questões, eu voltei a discutir certos tópicos com os meus pais, em casa. Foi nesse colégio, por mais elitista que ele fosse, que eu encontrei alunos e professores dispostos a conversar sobre política e o que estava acontecendo no mundo naquela época, ao mesmo tempo que a gente articulava isso com o que a gente aprendia em sala de aula. Paralelamente a isso, apesar de eu ter perdido o gosto pelos estudos durante o meu ensino fundamental II, eu ainda guardava em meus pensamentos a ideia de trabalhar

com o ensino. Eu costumava pensar, de tempos em tempos, “e se eu for professora um dia, igual ao meu pai?”. Eu gostava da ideia de fazer exercícios, corrigir provas, ensinar a pessoas, porém tudo isso, em meio a minha conjuntura, mais parecia um lapso do que um plano concreto de futuro. As coisas começaram a mudar no segundo ano do ensino médio, quando a minha escola contratou um novo professor de Filosofia. Esse novo docente, cujo nome é Ricardo, com certeza, foi um dos professores que eu nutro o mais profundo respeito e carinho na minha trajetória educacional. Ele ensinava de uma maneira tão apaixonada que até eu consegui me apaixonar pela disciplina, algo que eu julgava, até então, impossível. No entanto, o que eu mais gostava na sua prática pedagógica era o carinho que ele tinha pelos seus alunos de outras escolas. Meu pai me contava que, em algumas escolas públicas, muitos professores chegam a esse ambiente com muitos preconceitos, sempre tendo em mente que os discentes desse meio não estão interessados em estudar, logo, não valia a pena desperdiçar tanto tempo em educá-los se eles não tinham futuro algum. No entanto, pelo o que eu acompanhava o Prof. Ricardo nas redes sociais, eu percebia que ele estava demasiadamente preocupado com o ensino de seus alunos. Eu achava inspirador o empoderamento que ele ajudava a proporcionar na vida desses jovens, já que eu nunca tinha visto um professor tão focado com isso. Hoje em dia, eu percebo que o Ricardo me fez ver, de maneira plena, o quanto a educação é importante na vida das pessoas, principalmente daqueles que são os mais oprimidos na sociedade, bem como o seu caráter transformador e fascinante.

Nesse espaço de tempo, eu comecei a me identificar com ideias e concepções de esquerda, mas não apenas porque eu estava discutindo assuntos, em sala de aula, através dessa perspectiva, mas também porque eu aprendi a pôr em palavras tudo aquilo que os meus pais me ensinavam em casa. Como eu mencionei anteriormente, o meu pai é professor de Geografia e a minha mãe é assistente social. Desde pequena, meus pais me repassaram pensamentos e valores que giravam em torno de temas como justiça social. Eles falavam para mim que, infelizmente, não somos todos iguais, já que existem diversos marcadores sociais que nos definem. Que não é normal existir pessoas muito ricas e indivíduos muito pobres e que o sistema que inclui e tolera essas características não deveria ter espaço no nosso mundo. Olhando por este ângulo, talvez seja por isso que eu gosto tanto de História: para poder ter a oportunidade de estudar a trajetória daqueles que foram oprimidos e ver o que foi feito para resolver (ou tentar resolver) o problema dessas pessoas. Assim, se a minha entrada no ensino médio me reaproximou dos estudos, em especial da área de História, eu posso dizer que foi a crise política, que permeia o país há alguns anos, que me fez reconsiderar a ideia de ser professora. Se uma palavra pudesse ser capaz de definir o que foi 2018 para mim, eu posso

dizer que é “frustração”. Não só porque uma pessoa (se é que nós podemos chamar assim) mesquinha e vulgar chegou ao poder, mas porque esse mesmo indivíduo arrastou uma legião de fanáticos com ele. Maníacos que não tem nenhuma consideração e respeito pelas diversas áreas de conhecimento que existem. Num primeiro momento, eu achava que eles negavam apenas o ramo das Ciências Humanas, mas por meio da tragédia que foi a pandemia da Covid-19, eu consegui perceber que eles não têm apreço e compostura por nada, nem por ninguém. No entanto, voltemos ao fatídico ano de 2018. Uma das coisas que mais me deixou indignada naquele momento foram as mentiras que aquele rapaz disseminava sobre a História. De repente, virou tendência falar coisas contraditórias e sem sentido nas redes sociais. Do nada, para exemplificar, muitos brasileiros chegaram à conclusão, baseados em ideias equivocadas e mirabolantes, sem qualquer tipo de fundamento, que nunca houve ditadura militar no país (!). Isso dentre tantas e tantas mentiras. Virou moda degradar as Ciências. Com isso, pode-se dizer que é aqui que surge a minha vontade de cursar História. Com tanta mentira circulando nas minhas redes sociais, eu queria contribuir com alguma coisa para frear tudo isso. E a maneira que veio na minha cabeça, naquela época, foi essa: me tornar professora para que eu colaborasse para a construção de um conhecimento crítico sobre os acontecimentos históricos. Uma vez eu li num livro chamado “Ascensão e Quedas dos Impérios Globais”, escrito pelo historiador britânico John Darwin, que o presente é o produto final da história, ele é o saldo de uma conta bastante complexa. Então, a minha maneira de espalhar informações verídicas sobre toda a catástrofe que aconteceu no Brasil nos últimos anos é por meio da educação. Afinal, que outra maneira de ensinar as gerações atuais e futuras de como o nosso país chegou onde chegou?

Dessa forma, em meados de 2019 eu já sabia que eu queria ser professora de História. Somando-se às preocupações referentes ao vestibular, nós, estudantes que fizemos o Exame Nacional do Ensino Médio daquele ano, tivemos um ano bastante tenso, no qual o ministro da educação que ocupava o cargo até então, numa base diária, espalhava dúvidas e incertezas sobre o modelo de prova daquele ano, afirmando que não teria mais “doutrinação” e “ideologia de esquerda” naquela avaliação. Assim, depois de um ano bastante apreensivo, eu fiz o ENEM e, para a minha empolgação, no início de 2020. Eu descobri que eu passei para o curso de Licenciatura em História, só que na Unirio. Apenas no Sisu 2020.2, nem meados do ano, que eu consegui passar para o mesmo curso na UFF. Devido à pandemia, eu comecei a estudar apenas no início de 2021, numa época profundamente infeliz e emocional. Em janeiro desse ano, eu perdi o meu avô para a Covid-19, apenas alguns dias antes da vacina da Butantan ser liberada para pessoas da sua idade. Começar os meus primeiros dias na

universidade, que eu tanto sonhava em entrar, apenas alguns dias passados da morte do meu avô não foi fácil e nem simples. Mas eu tive que aprender a lidar com isso. Por sorte, logo nas primeiras semanas de aula, eu consegui fazer amizade com algumas pessoas, o que tornou o ensino à distância um pouco mais fácil. Eu nunca me acostumei com o formato on-line das aulas, não só porque a minha internet saía do ar em vários momentos do dia, mas também porque eu sentia que o conteúdo era passado de forma muito superficial, já que havia uma divisão entre aulas síncronas e assíncronas, que, por sua vez, reduzia a carga horária dos encontros semanais. No ensino à distância, eu tinha a sensação de que eu estava tendo uma aula de ensino médio, já que não tinha muito tempo para aprofundamentos. Dessa forma, eu só senti que eu entrei, de fato, na universidade apenas quando as aulas voltaram, no início de 2021. E foi justamente nessa ocasião, quando eu coloquei os meus pés dentro de uma sala de aula de uma universidade pública pela primeira vez, que eu comecei a me apaixonar pelo o curso que eu escolhi fazer.

As matérias de pedagogia, que eu escolhi acabar o período remoto para fazer a maior parte delas, enriquecem as minhas ideias sobre o que deve ser um ambiente escolar e a minha atuação como professora. Desde então, eu já li autores adeptos de tendências pedagógicas progressistas, como Paulo Freire e bell hooks, o que colabora e adiciona mais ideias transformadoras para a minha formação. Por enquanto, as minhas experiências com o ensino são bastante limitadas. No quarto semestre do curso, no início do ano passado, eu passei no processo seletivo de monitoria de História Medieval e exerci funções de monitora durante um semestre inteiro, até que eu precisei sair por motivos pessoais alheio à universidade. Na minha primeira monitoria, eu fiquei um pouco nervosa ao falar, em cima de um tablado, para tantas pessoas, mas eu acabei conseguindo me acostumar. A monitoria foi bastante interessante para mim, não só porque eu fiz amizade com os outros monitores, mas também porque eu tive uma troca de experiências bem agradável e frutífera com a turma, que pode ser traduzida em encontros amistosos com os alunos. Para além dessa experiência no meio acadêmico, eu comecei a estagiar no ensino básico no atual semestre, uma experiência que, até agora, tem se mostrado cativante e envolvente para a minha formação. Por certo, o contato com outros docentes e, com isso, o entendimento de suas realidades por meio de longas conversas na sala dos professores, bem como, principalmente, as trocas com os próprios alunos vem me instigando a ler mais sobre as diferentes práticas pedagógicas e a me inteirar no mundo da educação. No momento, eu acompanho as aulas de 3º ano do ensino médio da professora Maria Gabriela, no Colégio Paulo Assis Ribeiro, em Niterói, e eu fiquei contente de saber o quanto ela incentiva os seus alunos a buscarem fazer provas de acesso ao

ensino superior, algo que nem todos fazem. A sua cordialidade com a turma, a sua animação, mesmo estando cansada por causa de sua rotina exaustiva, assim como a atenção que ela oferece aos seus alunos são fatores inspiradores. É claro, infelizmente, nem todos prestam atenção na sua aula e não ouvem o que ela tem a dizer sobre a importância de prestar o vestibular. Apontar dedos, na minha opinião, é fácil demais, então ao invés de culpar os próprios alunos por essa situação, é importante ressaltar que o sucateamento das escolas pública é um projeto governamental e enquanto houver professores preocupados com o bem estar de seus alunos e a promoção de um ensino gratuito de qualidade, eu mantereí inspirada a seguir nessa profissão que tanto me instiga e me inspira.